



**MEMOIRS** - FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS | **MEMOIRS** - CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES  
**MAPS** - PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS: UMA CARTOGRAFIA PÓS-COLONIAL | **MAPS** - EUROPEAN POSTMEMORIES: A POSTCOLONIAL CARTOGRAPHY

Sábado, 13 de março de 2021



*foto do autor* | Muaua | 2019 | cortesia do autor

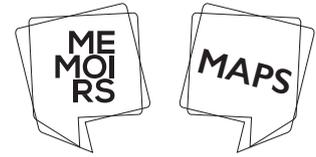
## ESTA GUERRA NÃO É TUA (3)

Paulo Faria

Antes de sair abruptamente da sala, Adriano atira-me:

– Eu sou um gajo que, se ouvir uma torneira a pingar, não durmo enquanto não consertar a torneira. Sabe porquê? Porque passei muita sede no mato, na Guiné. Se eu vir que alguém deixou uma luz acesa, volto atrás para a apagar. Sabe porquê? Porque passei muitas privações na guerra.

Eis a guerra de Adriano: uma torneira a gotejar-lhe na frente até cada pingo parecer uma martelada, uma lâmpada crepitante, com o filamento prestes a queimar, que lhe atira aos olhos uma luz em sangue. Coisas que não o deixam dormir.



### ESTA GUERRA NÃO É TUA (3)

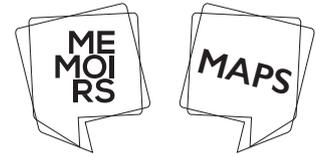
Entram na sala os outros veteranos. Marco Mané faz as apresentações. Só ele e Maurício são repetentes da conversa de há um mês. Desencadeia-se em mim o habitual movimento pendular, que é mais forte do que eu, entre a afinidade com estes homens e a distância em relação a eles. Entre, por um lado, os momentos em que as frases deles me dão arrepios na espinha ao trazerem à tona, com uma candura desarmante, um caudal perene de insensibilidade, violência e preconceito, e, por outro lado, os momentos em que sinto com eles uma comunhão profunda, insondável.

Armando (Guiné, 1964-1966) diz que «os nativos eram muito interesseiros». Lúcio (Angola, 1967-1969) corta:

– O ser interesseiro vinha da fome, não é?

Armando explica-se melhor. Quando o encarregaram de pôr mais uma fila de arame farpado no aquartelamento de Nova Lamego, confiaram-lhe seis ou sete africanos como trabalhadores braçais. Um sargento com experiência naquelas lides disse-lhe: «Ó cabo Trafaria, se tu queres que eles trabalhem, escolhe um deles e põe esse a mandar nos outros. Mas tens de lhes dar qualquer coisa.» Armando diz que os negros lhe pediram um garrafão de vinho, mas que ele disse que não podia ser. O que podia fazer, isso sim, era dar-lhes os restos de vinho do refeitório. Passou a verter o vinho dos copos meio vazios que ficavam em cima das mesas, no final das refeições, para dentro de uma lata lavada, que depois dava aos seus trabalhadores. E diz que, assim, «aquilo corria lindamente». Maurício garante-me que certos camaradas dele voltaram à Guiné nos anos 80, a Bula, e que os nativos, reconhecendo-os dos tempos coloniais, se abraçaram a eles a chorar, perguntando: «Quando é que vocês voltam? Quando é que os portugueses voltam?» E remata: «Sim, senhor, era uma guerra. Mas não havia ódio. Não havia racismo. Dizem isto, aquilo e aqueloutro. Eu nunca vi racismo. Por amor de Deus...» Armando concorda: «Não havia racismo.» O próprio Marco Mané, antigo comando africano, faz que sim com a cabeça e diz concordar. Lúcio conta as suas impressões sobre as relações raciais em Angola e diz que, nas plantações de café e cana-de-açúcar que visitou, os capatazes negros eram os mais cruéis. Conclui que «o negro é pior para o negro do que o branco» e que «Angola perdeu muito em ficar independente», porque antes «havia respeito».

Já ouvi muitas vezes estas histórias, estas verdades recorrentes, sempre as mesmas, com pequenas variações. Em certos casos, são histórias em segunda mão, que os próprios não viveram. Os negros abraçados aos brancos, em Angola, na Guiné, em Moçambique, de lágrimas nos olhos, a



### ESTA GUERRA NÃO É TUA (3)

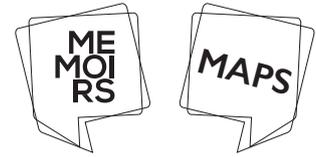
perguntarem-lhes quando é que voltam, a implorarem-lhes que voltem. Noutros casos, são meras impressões («foi a impressão com que eu fiquei»), conclusões extraídas da experiência colonial («pelo menos é a conclusão a que eu chego»). Os próprios negros mais cruéis para os negros do que os brancos. A vida depois da independência muito pior para os nativos do que a realidade colonial. E quase sempre, no final, o argumento decisivo: as guerras civis pós-independência foram piores do que a guerra colonial, mais destruidoras, mais sanguinolentas. Quem o diz não se apercebe de que a guerra colonial foi já, à sua maneira, em cada uma das colónias, uma guerra civil (há um mês, Marco Mané contou-me que participou numa grande operação de comandos em Canquelifá, e que, depois da guerra, descobriu que um primo estivera do outro lado, nas fileiras do PAIGC, nas mesmas datas, no mesmo terreno).

Estas verdades recorrentes não são histórias exemplares, não esfregam sal na ferida, nada têm de incómodo. São histórias confortáveis, que embalam quem as enuncia. Se a vida dos negros é agora pior, talvez a causa por que lutámos fosse justa, apesar de tudo. Se os negros são mais cruéis para os negros do que os brancos, então o racismo e a opressão são, antes de mais, obra deles, não nossa. Se eles querem que voltemos, aqueles anos da nossa juventude não foram perdidos, afinal. Se eles querem que voltemos, tudo valeu a pena, as canseiras, o sofrimento, a morte. Se eles querem que voltemos, é como se nunca tivéssemos saído de lá. É como se fôssemos jovens outra vez, nós e eles.

Só que, depois, Lúcio conta uma operação no mato. Era soldado de transmissões e, na picada, o capitão pediu-lhe o rádio e falou a seu lado com o tenente-coronel que chefiava a operação a partir de uma avioneta. O tenente-coronel mandou avançar sobre a base inimiga, mas o capitão recusou. Ouviase ao longe o tiroteio, as outras companhias já tinham sofrido baixas naquele dia, mortos e feridos. O capitão disse pelo rádio ao tenente-coronel: «Não avanço, não quero chegar à Metrópole e ver mães a chorar.» E, ao dizer isto, Lúcio cala-se dois segundos, dois ou três segundos apenas, porque a emoção o sufoca, e só depois continua a falar. Baixo os olhos, confuso, sem saber o que fazer às mãos.

Alguém fala do medo que os prisioneiros tinham da PIDE («tremiam que nem varas verdes»), e é então que Cristiano (Guiné, 1970-1972), o mais lacónico dos presentes, cuja unidade esteve em Bula antes de ser rendida pela de Maurício, diz:

- Em Bula havia uma cadeira eléctrica.
- E eu, incrédulo:
- Uma cadeira eléctrica?



### ESTA GUERRA NÃO É TUA (3)

E Cristiano, sem me olhar nos olhos:

– Sim, uma cadeira de metal ligada à electricidade.

Viro-me para Maurício:

– Há um mês, não me falou disso. Quem é que usava a cadeira, era a tropa ou a PIDE?

E ele:

– Era a tropa, embora também lá andassem gajos da PIDE. Houve muitos que já morreram e que torturaram, que andaram lá aos murros aos prisioneiros. Por isso é que eu não posso contar.

– Até a luz ia abaixo, com as descargas – acrescenta Cristiano.

– É verdade, a luz ia abaixo – confirma Maurício. – Eu cheguei a ter o meu gabinete mesmo ao lado da prisão.

Percebo que, há um mês, ele omitiu deliberadamente estes pormenores. Percebo que, em Bula, ele trabalhou ao lado das celas, que ouviu tudo. Fico a pensar se também ele terá pesadelos. Uma luz que vai abaixo e que se torna a acender. Todos no quartel de Bula sabiam que, quando a luz ia abaixo, era porque estavam a torturar alguém na cadeira eléctrica.

Estranho ele ter-me dito que não quer entrar em pormenores por haver torturadores que já morreram. Seria mais natural dizer-me que não quer entrar em pormenores por haver torturadores que ainda estão vivos. No filme de Lissette Orozco, *O Pacto de Adriana*, o «pacto» do título é o pacto de silêncio entre os antigos torturadores, que se recusam a reconhecer os seus actos, protegendo-se uns aos outros e a si próprios. Maurício protege a memória dos torturadores que já morreram e que fizeram a guerra do seu lado. Protegemos a memória dos nossos mortos, esquecemos os mortos que não nos eram nada. A lenda do colonialismo suave cresce a golpes de silêncio.

À despedida, todos me pedem que lhes mande os textos que escrever. Assim farei. Vou mais uma vez desiludi-los, talvez indispô-los. Não escrevo as memórias deles, escrevo as minhas memórias das memórias deles. Procuo as torneiras que gotejam no escuro, as luzes acesas na noite, em quartos vazios. Sento-me sob a luz crua, numa cadeira de metal, e espero que os vivos e os mortos venham romper o pacto de silêncio.

Paulo Faria

Dezembro de 2020

## ESTA GUERRA NÃO É TUA (3)

Paulo Faria (Lisboa, 1967) é escritor e tradutor literário. Traduziu Cormac McCarthy, Orwell, DeLillo, Joyce, Dickens e muitos outros. Até a data, publicou os romances *Estranha Guerra de Uso Comum* (2016, Ítaca) e *Gente Acenando para Alguém que Foge* (2020, Minotauro). O seu terceiro livro, *Em Todas as Ruas te Encontro* (2021, Minotauro) acabou de ser publicado.

ISSN 2184-2566

*MEMOIRS* é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624); *MAPS Pós-Memórias Europeias: uma cartografia pós-colonial* é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT - PTDC/LLT-OUT/7036/2020). Os projetos estão sediados no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.



Cofinanciado por:

